

SONHOS QUE CRUZAM FRONTEIRAS: REFLEXÕES SOBRE AS REDES MIGRATÓRIAS DE PERUANOS EM BOA VISTA/RR

Alessandra Rufino Santos¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto as negociações identitárias dos peruanos que emigraram para a cidade de Boa Vista entre os anos de 1990 a 2010. Para investigar esse fenômeno partiu-se da hipótese de que as relações de amizade e de parentesco influenciam o processo migratório de peruanos e impactam as negociações identitárias vivenciadas por eles. Neste sentido, uma das preocupações deste trabalho é entender as motivações e os diferentes significados das trajetórias pessoais de homens e mulheres de nacionalidade peruana que deixaram seu país de origem e se integraram em outra realidade sociocultural. Desta forma, para verificar a proximidade entre brasileiros e peruanos e os diferentes níveis de trocas realizadas entre eles, de modo a revelar os aspectos identitários que condicionam e caracterizam a inserção dos imigrantes peruanos na sociedade boa-vistense, utilizou-se a metodologia qualitativa, com ênfase nas entrevistas abertas e observação etnográfica. Os interlocutores da pesquisa foram homens e mulheres de nacionalidade peruana, entre 18 e 72 anos, que se deslocaram em períodos diversos e que exercem distintas atividades profissionais, como comerciantes, médicos e professores. A luz das teorias dos estudos migratórios e identitários foi possível compreender como os imigrantes peruanos negociam suas identidades, segundo suas experiências migratórias. Embora estes estejam afastados de seu local de origem, não perderam a cultura e a identidade nativa como referência. Contudo, eles também incorporam os elementos da cultura e da identidade do local de destino, possibilitando a negociação de suas identidades por meio de suas estratégias de sobrevivência, de suas representações e por meio de uma mediação em que se sintam compreendidos pela sociedade boa-vistense. Nesse contexto, as redes familiares e de amizade dos imigrantes peruanos fortalecem os referenciais significativos do lugar de origem, bem como a condição de sujeito imigrante.

PALAVRAS-CHAVE: Boa Vista; Migração; Peruanos.

INTRODUÇÃO

Analisar as motivações dos processos migratórios implica compreender que o ser humano, por estar em constante movimento, tem a especificidade de buscar a satisfação das suas necessidades pessoais. Compartilhando deste pensamento, Bornheim (1995), ao estudar a doutrina do desejo na perspectiva marxista, verificou que os sonhos se estruturam e se

¹ Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Professora Substituta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

processam dentro de coordenadas históricas e sociais. Isso significa que a compreensão dos projetos migratórios passa pelas condições materiais e históricas que envolvem os sujeitos.

O novo cenário mundial proposto pela globalização possibilita pensarmos a prática migratória a partir da existência e do convívio de distintos grupos e indivíduos reunidos em um mesmo contexto. À luz do exposto, não é possível falar dos sonhos movidos pela migração sem reconhecer que a globalização conforma e compartilha os sentidos gerados nesse processo. Iani (1999, p.16) define a globalização como “uma configuração histórico-social abrangente que convive com as mais diversas formas sociais de vida e de trabalho que assinala condições e possibilidades, impasses e perspectivas, dilemas e horizontes”. Esse processo é marcado pelo intenso movimento do capitalismo mundial, dotado de movimentos próprios que abrem e reabrem fronteiras.

A análise dos sonhos que movem os peruanos a deixarem seu país de origem é marcada, sobretudo, pelas diferenças socioculturais, uma vez que cada migrante possui um projeto individual. Contudo, a concepção de que a prática migratória está revertida pelo desejo de conhecer outras culturas é bastante utilizada entre eles. Muitos reconhecem também que a migração é processada na medida em que são estabelecidas interações com outros sujeitos que vivem no local de destino.

Essa realidade reforça ainda mais a ideia de que os processos migratórios fazem parte de um panorama de múltiplos trânsitos e destinos. Migrantes de diferentes nacionalidades, idades, níveis de escolaridade e de formação profissional cruzam fronteiras impulsionados por diferentes motivações que podem estar relacionadas as questões econômicas, profissionais, políticas, afetivas, familiares, turísticas, entre outras.

É a partir da experiência migratória relacionada com as questões sociais, políticas e econômicas do país de origem ou até mesmo do país de destino que o sujeito migrante dá um novo sentido a sua identidade. Sem dúvida, o fenômeno da mobilidade humana interfere na reconfiguração dos sujeitos deslocados. Bauman (1999), ao pautar suas análises nas consequências que o mundo moderno traçou ao globalizar bens, relações e pessoas, pensou o conceito de identidade como sendo algo instável, móvel, fluído, heterogêneo, líquido.

Nesse âmbito, acreditamos que as identidades negociadas pelos migrantes peruanos tratados nesta dissertação, ocorrem em variados contextos, tais como nas trocas familiares, nas responsabilidades parentais, nas representações das identidades projetadas pela mídia

brasileira, nas memórias acionadas no Brasil, nas festas cívicas e religiosas materializadas na cidade de Boa Vista.

Percebemos, ainda, que o processo migratório ajuda a construir uma experiência de interculturalidade, facilitando a aproximação das diferenças postas em contato mais incisivamente com a aceleração dos fluxos migratórios. Porém, ao mesmo tempo em que a diversidade acontece, questões relacionadas a conflitos interculturais marcam a diversidade causada pelas pertencas identitárias.

Tudo isso nos leva a reconhecer que esse debate exige um olhar cuidadoso. Neste sentido, para Canclini (2001), reconhecer a interculturalidade implica em entender como se organizam as identidades a partir do imbricamento das relações transnacionais e da hibridação. Trata-se, ainda, de considerar os processos de entrecruzamentos possíveis, através das relações desenvolvidas entre diferentes grupos e manifestações culturais responsáveis por intercâmbios, trocas, solidariedades, negociações e conflitos.

O posicionamento de Canclini (2001) nos ajuda a refletir sobre as múltiplas situações possíveis de hibridismo cultural presentes no processo migratório. Assim, para Brignol (2010, p.29) “os avanços tecnológicos, sobretudo dos meios de transporte (com o barateamento dos custos) e das tecnologias da informação e da comunicação, atuam em uma reconfiguração do próprio fenômeno das migrações, com a dinamização dos processos interculturais”.

É pelos fatores já apresentados que este capítulo pretende discutir as contribuições das redes migratórias no processo de socialização e negociação das identidades dos peruanos que migraram para Boa Vista. O mesmo está dividido em quatro seções. A primeira analisará as questões referentes às redes migratórias, esclarecendo os aspectos relacionados aos laços que envolvem os grupos sociais. Em seguida, as demais seções apresentarão as contribuições da relação entre a memória dos migrantes peruanos contatados e as trajetórias individuais de cada um, enfatizando o processo de negociação das identidades.

O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO A PARTIR DAS REDES MIGRATÓRIAS

Segundo Peixoto (2004) os condicionamentos dos fluxos migratórios têm forte relação com os fatores econômicos e sociológicos. Desta forma, para a teoria do capitalismo humano as projeções de aprimoramento de profissional futuro, tanto para o indivíduo como para a

família, podem levar ao movimento migratório. Por isso, um ato migratório que no presente possa não ser considerado vantajoso, no futuro poderá se tornar exitoso.

Em decorrência disso, a teoria dos movimentos migratórios resulta de contextos históricos próprios e passam a adquirir uma dinâmica interna que lhes confere as características de um sistema, um “ser vivo”. Tal sistema é resultante de várias interações entre diversos elementos, incluindo outros tipos de fluxos migratórios e outros tipos de intercâmbios.

Sob esta perspectiva se pode identificar um conjunto de regiões ou países que mantêm fluxos migratórios constantes entre si, como no caso das “redes macro-regionais” internacionais, que unem uma região central (formada por um ou mais países) com outras regiões emissoras de migrantes. Para Staeve (2012) questões relacionadas às redes migratórias e ao capital social ajudam a explicar as migrações segundo uma perspectiva macro.

Peixoto (2004, p.29) argumenta que

os migrantes não atuam isoladamente, nem no ato de reflexão inicial, nem na realização dos percursos concretos, nem nas formas de integração no destino. Eles estão inseridos em redes de conterrâneos, familiares ou, inclusivamente, agentes promotores da migração, que fornecem a informação, as escolhas disponíveis, os apoios e à fixação definitiva.

Fica claro neste argumento que na migração as redes migratórias são de vários tipos, podendo se basear em solidariedades locais ou até mesmo por recrutadores temporários, o que demonstra a participação não só de agentes econômicos como também por agentes sociais envolvidos por uma identidade de natureza coletiva.

Em decorrência disso, o papel das redes migratórias é fundamental na formação dos fluxos e dos ritmos migratórios e até mesmo nos percursos da mobilidade social dos migrantes na área de destino, por serem fundamentais na adaptação e na interação dos migrantes no mercado de trabalho local.

Brumes (2010) evidencia que as redes migratórias possibilitam a existência de pertencimento a um grupo social, compreendendo os vínculos entre todos os membros da sociedade, ou parte deles, unidos por objetivos comuns. A noção de redes migratórias consiste, portanto, de um conjunto de sujeitos e das relações definidas entre eles como, por

exemplo, os laços familiares, de amizades, de confiança, de solidariedade, de conterraneidade, entre outros.

Marteletto (2000), por sua vez, caracteriza uma rede migratória com um conjunto de participantes unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses comuns. Para o mesmo autor, as redes proporcionam a compreensão dos fenômenos sociais dentro de seus contextos, estratificando suas relações e sua inserção na sociedade.

As definições apresentadas nos parágrafos anteriores nos estimulam a realizar o seguinte questionamento: Qual a importância das redes migratórias nos estudos migratórios? Inicialmente, é possível ressaltar que é através das redes que migratórias que laços de identidade, de origem, de condição laboral, foram sendo verificados nos movimentos migratórios existentes em diferentes países. É também através das redes migratórias que podemos tentar responder os seguintes questionamentos: Por que alguém se torna um migrante? Por que algumas pessoas, sob as mesmas transformações estruturais econômicas, sociais ou políticas, migram e outras não? Levando em consideração a migração peruana para o Brasil, por que alguns peruanos migram para Boa Vista e outros não, tendo em vista que todos experimentaram as mesmas transformações estruturais?

Podemos recorrer a Tilly (1990) para respondermos as perguntas expostas anteriormente. Para este autor, as unidades efetivas da migração não são nem indivíduos sozinhos, tampouco apenas as famílias, mas sim conjuntos de pessoas ligadas por relações de amizades, de conhecimento, de parentesco e de trabalho, ou seja, as redes migratórias. Entretanto, neste processo, não é possível visualizar a existência da solidariedade entre os migrantes. Muitos aproveitam a sua posição social/laboral para explorar outros migrantes. A peruana que trabalha no comércio informal, Gisela Medina, de 32 anos, natural de Lima, que vive em Boa Vista desde o ano de 2008, fez o seguinte relato sobre a sua chegada à capital roraimense:

Mi tía me invitou para conocer la ciudad. Me disse que podía trabajar aquí, caso gustasse. Aí yo permaneci. Me gustó la ciudad. Es muy tranquila. No és movimentada como Lima. Lá vivia el tempo todo corriendo. Aquí achei más tranquilo [...] Él único problema é que no realizei el mismo trabajo que exercia em Lima. Aquí tive que trabajar en el comercio para mis tíos. No começo trabajava de lunes a sábado para ellos. Ellos ficavam com lo dinero de tudo. Sólo los domingos que vendia para mí [...] Hoy ainda vivo con ellos. La diferencia es que yo no estoy solo. Ahora vivo con mi marido, que también es peruano. Tenemos un hijo de 09 (nueve) meses. Hoy trabajamos para nosotros, pero desejanos ser independientes. Queremos tener nuestra

propia casa. Queremos dar un futuro mejor para nuestro hijo. (Entrevista concedida em: 22/11/2012).

O exemplo de Gisela Medina demonstra que a condição de migrante não destitui a relação de classes no âmbito da sociedade em acolhimento. Portanto, a existência de redes não garante uma vida “tranquila” ao novo migrante. Nas redes circulam, na verdade, informações importantes para a decisão de migrar. O exemplo de Gisela serve também como referência para a justificativa de que atualmente o número de mulheres que estão saindo do Peru tem aumentado significativamente. Esse fenômeno pode ser explicado sob muitos aspectos. As redes migratórias tornam-se para muitas mulheres um facilitador importante na decisão e no projeto migratório, mesmo nos casos de exploração da mão de obra. É a partir das redes que surgem incentivo, apoio, acolhimento, viabilização de trabalho e moradia.

Neste processo, é importante ressaltar também que as redes migratórias são fundamentais na determinação das etapas do processo migratório e sua manutenção. A trajetória vivenciada pelo médico peruano Alejandro Castro, de 53 anos, natural do departamento de Ica e que vive em Boa Vista desde 1992, é outro exemplo que nos ajuda a ressaltar a importância das redes no fluxo migratório:

Mi vida mejoró después de que llegué aquí. Cuando llegué aquí, yo vivía en el barrio Aparecida con un amigo peruano. Logo empecé a trabajar. Conseguí evolucionar gradualmente. Al principio andaba a pé. Después compré una bicicleta. Poco después una moto. Luego después compré un carro usado. Em seguida compré un coche nuevo y una casa. Sufrí, conseguir lo que quería. Estoy muy agradecido a mi amigo que me invitó a venir aquí. (Entrevista concedida em: 15/12/2012).

O exemplo exposto destaca que as redes contribuem na redução dos riscos envolvidos na migração. Em decorrência disto, em alguns casos, podem ser apontadas como as causas da migração. Sem dúvida, também é por meio das redes que os migrantes negociam novas relações sociais. No caso dos peruanos residentes na cidade de Boa Vista, as suas tradições culturais são evocadas constantemente em espaços de sociabilidade. Como exemplo podemos

citar a realização da festa religiosa em homenagem ao Señor de los Milagros, que acontece anualmente no último sábado do mês de outubro².

O público que participa da festa todos os anos varia de acordo com a rede de amizades de que cada família organizadora dispõe. Todos os convidados recebem um convite formal da família anfitriã, seja por telefone ou impresso. No ano de 2012, a família anfitriã mandou confeccionar o convite e as lembranças da festa no Peru. Com o intuito de receber em sua residência um número expressivo de peruanos, a família também se encarregou de divulgar o convite no maior jornal de circulação da cidade de Boa Vista, a Folha de Boa Vista.

Conforme demonstra a figura anterior, o convite apresenta a estampa de Jesus Cristo na cruz e informa que antes da festa a ser realizada na casa da família anfitriã, os convidados poderiam ir a missa que seria celebrada horas antes na Paróquia da Igreja Católica, localizada no bairro Caçari. A referida missa foi celebrada em português por um padre brasileiro. Poucos peruanos compareceram. Somente 15 peruanos estiveram presentes. No entanto, os brasileiros frequentadores da paróquia também compareceram. Alguns dos peruanos que estavam presentes cantaram ao hino em homenagem ao “Señor de Los Milagros”.

Após o término da missa todos os peruanos presentes se deslocaram para a residência da família anfitriã para se encontrarem com os demais.

A festa foi marcada por muita animação. Vários clipes musicais peruanos foram exibidos pela projeção de um datashow. Cada família convidada levou bebidas e um prato típico do Peru. Antes que todos os pratos típicos fossem servidos aos convidados, aconteceu o momento mais esperado: a escolha da família que seria anfitriã no ano seguinte.

Sabemos que as misturas de ingredientes e condimentos é uma premissa forte na cozinha de diferenciadas classes sociais. Por mais que os migrantes peruanos tenham se deslocado no espaço e buscado compreender a cultura brasileira, certos hábitos culturais peruanos não foram deixados para trás.

Existe entre os migrantes uma recriação, adaptação e até mesmo uma resignificação entre culturas para que a memória da tradição consiga manter a sua circularidade. Isso é uma

² Essa festa é realizada desde o ano de 2005. O grupo responsável por sua idealização são os peruanos que trabalham na área da saúde. Todos os anos uma família torna-se anfitriã da festa, cedendo a sua residência para que todos os peruanos possam se encontrar, inclusive os que não trabalham na área da saúde, como é o caso dos que trabalham na área da educação. Em 2012 a festa aconteceu no dia 27 de outubro na casa da enfermeira Rosa, localizada no bairro Paraviana. Estiveram presentes cerca de 65 pessoas, entre estas estavam 56 (cinquenta seis) peruanos – 20 mulheres e 36 homens, com idade que variava entre 13 e 72 anos.

prova de que migração e comida são interligadas de modo duplo: de um lado, a própria comida migra, de outro, ela é uma acompanhante importante de cada migrante.

Segundo Bessis (1995), a comida serve para a formação e conservação da identidade individual, bem como da coletiva. Quando um grupo deseja manifestar a sua identidade em um determinado espaço, geralmente, recorre à comida. Independente de qual prato seja escolhido, a comida facilita o fato de se estabelecer uma ligação com a pátria.

Com o fato de poder ser transportada, a comida constitui um senso de lugar portátil. Por isso, a comida pode atenuar o estranhamento num país estrangeiro através do sentimento de segurança e hábito e construir uma ligação mental com o país deixado e com o passado. Com isso, a comida ajuda a manter uma continuidade entre a vida cotidiana no velho e no novo país. Por esta razão, a comida também é importante para um sentimento de pátria e para o sentimento de pertença cultural.

A lembrança, em relação à comida, desempenha um importante papel como ligação com o passado e com o lugar de origem, todavia não apenas a lembrança incorporada de gostos sentidos no passado, mas também a de refeições feitas coletivamente no círculo familiar e de conhecidos. No âmbito desta relação entre o social e o individual, e entre a comida e a lembrança, não somente as emoções adquirem um significado especial, mas também os sentidos. Com relação a isto, a peruana Eva Ponce fez o seguinte comentário:

Nunca voy a dejar de comer comida peruana. Todos los años viajo a Perú y trago lo maximo de ingredientes que posso, incluyendo los temperos. Es una manera que encuentro para recordar mi pasado, disminuir la saudade. Es muy agradable ver a toda esta gente en mi residencia saboreando los platos peruanos que son deliciosos. (Entrevista concedida em: 27/10/2012).

A família escolhida organizar a festa no ano de 2013 foi a de um médico peruano que reside no bairro Caçari. O quadro em homenagem ao “Señor de Los Milagros” que estava sob posse da família anfitriã do ano de 2012 foi repassado para a família anfitriã do ano de 2013. A mesma tornou-se responsável pelos cuidados com o quadro.

Conforme Sayad (2000), a constituição das redes no local de destino tem a função de reconstituição da identidade social e cultural que se rompe com a prática migratória. Tal identidade pode ser compartilhada e modificada com os demais membros de cada grupo social e da sociedade em geral. Assim fica fácil verificarmos que a comunicação entre os peruanos

tem, acima de tudo, um forte sentido de solidariedade. Nesta perspectiva, as redes migratórias possibilitam o indivíduo ter a sensação de identificação e pertencimento, uma vez que trazem mudanças significativas para o local de destino. Soares (2002) esclarece que é através das redes que pode acontecer o encontro das cosmovisões do migrante com o imaginário voltado ao lugar de origem, o que produz a recriação de símbolos que fazem da identidade.

Logo, as redes migratórias possuem um papel fundamental na inserção do migrante no local de destino. Entretanto, apesar desta situação, não podemos esquecer de que em alguns casos a ideia de retorno está sempre presente na migração. De qualquer forma, Massey et al. (1987) verificou em seus estudos que as redes de sociabilidade mais importantes se originam nas relações de parentesco, de amizade, de trabalho, de conterraneidade ou pertencimento.

Neste sentido, destacamos a fala da peruana Eva Ponce, 51 anos, natural de Lima, enfermeira e residente em Boa Vista desde o ano 2000:

No sé si fue el destino que me fez venir aquí. En el Perú tenía 03 trabajos como enfermera. Mi marido era capitán de la policía. Vivíamos bien. Tengo una prima dentista. Somos muy unidas. Somos tan unidas que desde niñas procurábamos la otra para brincar. Así fue en la adolescencia. Sólo que nos separamos. Yo fiquei en Perú para estudiar enfermagem y ella veio para o Brasil para estudiar odontología. Se graduó, se casó y teve sus hijos aquí. Cuando ia me visitar, dizia: Vamos a Brasil? Tú precisas conocer Roraima. Yo dizia: ¿Dónde está Roraima? En el mapa no existe! Ella dizia: Es un lugar muy bonito, el clima es quente! [...] Ella habló tan bien de Roraima que um día decidí conocer. Era el año 2000. Yo estaba muy estresada. La situación en el Perú no era muy buena. Entonces mi marido me disse: Mi amor va con su prima a Brasil [...] Pegué mi pasaporte y dije: Prima, me voy de vacaciones a Brasil. Sería una oportunidad de conocer Roraima y visitar a mi hermano que vive en Rio Grande do Norte. Ella disse: Está bien. Cuando llegué aquí, mis planos mudaram. No me puedo quejar. Fui muy bien recibida. Las personas que viven aquí son muy hospitaleiras [...] Cuando cheguei conoci una autoridade del gobierno que me invitó a trabajar aquí. Pero no acepté porque no entendía el portugués. Era mi prima quien traduzia tudo [...] En otro momento otra autoridad me invitó a trabajar en el Hospital de Criança que estaba sendo construido. El salario era de R \$ 2,000.00 (dos mil). Era bueno, no? Pero mi familia estaba en el Perú. Mi familia está antes que todo. Decidí hablar primero con mi esposo, que disse: Tu vê se é para a melhoria de nuestros hijos. Mi tía y mi prima fizeram de tudo para yo ficar. Fue entonces que decidí arriscar! [...] Estoy contente de estar aquí y no me arrepiento de estar aquí até agora. Dios sabe lo que fez. Fue aquí que

nasceram mis dos nietas y em breve nascerá la tercera [...] Só voy a mi país a passeio. No pienso más em vivir lá. Es muy difícil isso acontecer. (Entrevista concedida em: 25/12/2012).

A fala da senhora Eva nos ajuda a compreender que o movimento migratório pode envolver relações de interesse entre aqueles que chegaram ao novo local e os outros já residentes no lugar. Para Haeserbaert (1997) trata-se de redes de determinado tipo de sociabilidade, de reciprocidade, que ressignificam as ações sociais, que reterritorializam os grupos sociais, rearranjam as parcerias e os espaços de vigência do migrante na sociedade de destino.

No lugar de destino, por exemplo, são formadas novas interações sociais que garantem a adaptação da nova cultura que o migrante passa a experimentar. Dependendo do contexto, a nova cultura pode ser bastante diferente da cultura de origem. Muitos dos peruanos reconhecem que sofreram impactos culturais quando chegaram em Boa Vista. A fala de Diego Estévez, comerciante informal de 30 anos, natural de Huancayo³ e residente em Boa Vista desde o ano 2000, pode ser tomada como referência para compreendermos essa realidade bastante comum na migração:

No começo estranhei tudo. Primeiro foi a fala, né? Não conseguia falar nada. Depois a comida que não tinha o mesmo agrado. Não era a mesma coisa que a gente costuma comer no Peru. As pessoas também são diferentes, principalmente as mulheres. As mulheres brasileiras são mais “fáceis” que as peruanas [...] Mas pouco a pouco consegui me adaptar ao ambiente que estou vivendo. (Entrevista concedida em 27/10/2012).

Apesar da existência de impactos culturais na prática migratória, a existência de redes migratórias no local de destino é justificada pelas necessidades de minimizar os riscos inerentes ao ato migratório, diminuindo as tensões presentes no cotidiano de qualquer indivíduo envolvido numa mudança desta natureza. Em outras palavras, as dificuldades podem ser superadas com mais facilidade se forem pensadas de forma compartilhada.

Contudo, Gaudemar (1977) reforça que a mão de obra só se desloca pelos interesses do capital. Neste caso, em muitas situações, as redes não conseguem evitar a exploração do

³ Capital do Departamento de Junín.

trabalho, por exemplo. Dependendo do contexto, podem somente prestar-se aos interesses do capital, e não aos interesses do migrante. A partir desta compreensão, Carleial (2004) reforça que a estrutura de dominação no interior das redes migratórias não é violenta e muito menos forçada. É, na verdade, parte da divisão social do trabalho que pressupõe um mandatário capitalista.

Precisamos esclarecer também que os condicionantes da migração são anteriores à rede. Conforme as observações de Stavie (2012, p.57), “a migração em si acessa dimensões sociais que envolvem diversos aspectos como valores, cultura, necessidade, subjetividade, etc”. Uma corrente migratória é determinada pelas estruturas nas sociedades de origem e destino, porém, acionada pelas decisões individuais, familiares ou coletivas de determinados grupos que se põem em movimento.

São as redes migratórias, portanto, que desencadeiam o movimento migratório. Estas redes criam práticas sociais que aproximam as pessoas, criando sociabilidades e também conflitos, interesses individuais, preferências e demais relações sociais naturais em qualquer grupo social. Na pesquisa com os peruanos em Boa Vista visualizamos redes de interesses e afinidades comuns no interior de outras redes que se manifestam como espaços de sociabilidades.

Entre os peruanos que trabalham no comércio informal é possível visualizar redes de interesses comuns a um determinado grupo no interior da rede maior que seria os peruanos donos de lojas que distribuem mercadorias para os peruanos que vendem na rua, no mercado Caxambu ou nas feiras do Produtor e do Garimpeiro. Esse exemplo justifica que em virtude do processo em torno do qual uma rede se organiza, uma rede que surge com a prática migratória pode abrigar várias outras redes de sociabilidade.

Em suma, a abordagem das redes migratórias defende que as migrações não estão sujeitas apenas a mecanismos econômicos. De acordo com tal abordagem, as migrações resultam também de redes de sociabilidade, fortalecendo a ideia de que os migrantes não atuam de forma isolada, nem no ato da reflexão inicial sobre a possibilidade de mudar, nem na realização concreta do(s) deslocamento(s), tampouco nas formas de adaptação e integração no lugar de destino. Conforme Peixoto (2004, p.28), eles estão inseridos em redes de familiares, amigos, conterrâneos, “que fornecem a informação, as escolhas disponíveis, os apoios à deslocação e à fixação definitiva”.

Augé (2010) assevera que a abordagem das redes migratórias não nega que muitos são os fatores que acabam determinando a mobilidade espacial da população migrante. Levando em consideração esta afirmação, gostaríamos de acrescentar que a pesquisa retratada neste trabalho sobre a migração de peruanos em Boa Vista caracteriza-se pela não quantificação dos laços, uma vez que no nosso entendimento as relações sociais são de difícil quantificação. Em decorrência disto, buscamos, sobretudo, compreender o papel das redes de sociabilidade na migração e quais são os seus impactos nas negociações identitárias de cada sujeito migrante.

De acordo com os dados coletados, se não fosse a existência das redes dificilmente a migração de peruanos para Boa Vista teria se ampliado nos últimos anos. Chegamos a esta conclusão porque o setor econômico de Boa Vista não é considerado muito atrativo. Staivie (2012) argumenta que até a década de 1990 o garimpo e os projetos de colonização agrícola foram responsáveis pela entrada de um número expressivo de migrantes, sobretudo nacionais, no estado de Roraima. Com a proibição dos garimpos e o aumento do êxodo rural, o funcionalismo público tornou-se o principal atrativo da prática migratória, uma vez que no estado de Roraima não existem hidrelétricas em construção, nem estrada de rodagem sendo construída e muito menos grandes empresas instaladas.

Ainda assim, as redes migratórias tornaram-se responsáveis pelo direcionamento do fluxo de peruanos para Boa Vista. Esta situação só reforça a necessidade de entendermos a migração como um ato social total, conforme defende Sayad (1998). Reforça ainda a aceitação da justificativa de que as pessoas migram em função das estruturas no local de origem e de destino.

MEMÓRIA E IDENTIDADE

Lembrar é um exercício fundamental dos seres humanos, que remete não somente a situações vivenciadas, mas também a narrativas passadas em outros tempos, apreendidas de diversas maneiras, possibilitando construções identitárias individuais e coletivas. Por isso, para Bosi (2007) a memória conforma uma tipologia de fonte de riquíssima valia, que abre um significativo campo de possibilidades para perseguição do vivido, incluso no que vai sendo experimentado pelas pessoas.

A análise de situações do cotidiano vivenciadas pelos migrantes peruanos na cidade de Boa Vista nos permite identificar os meios que tais migrantes buscam para superar determinadas diferenças. Segundo Mamman e Richards (1996), as experiências interculturais de qualquer grupo de migrantes iniciam no encontro de uma cultura com outra cultura, fortalecendo a negociação das identidades a partir do processo de socialização.

Dubar (2000) reforça que o processo de identificação do migrante internacional no decorrer de sua trajetória individual pode ser construído e reconstruído em função das suas experiências em diversos cenários sociais. Por esse motivo, podemos compartilhar com Ricouer (2007) a ideia de que a identidade pode ser entendida como um relato que possui os elementos próprios da narrativa, como, por exemplo, a sequência temporal, os personagens e a situação específica.

Ao considerarmos os migrantes peruanos trabalhadores que precisam se integrar ao contexto da sociedade de acolhimento, verificamos que a identidade social de cada um é diferente do papel social que exercem no contexto de sua profissão.

O processo de negociação da identidade de trabalhadores migrantes, mesmo entre aqueles que exercem profissões distintas, possibilita o surgimento de comunidades que ajudam a criar laços imaginários. Essa ação representa o que Anderson (2005) define de “comunidades imaginadas”. Tais comunidades possuem a função de permitir a conexão das pessoas.

Desta forma, ao investigarmos a identidade dos migrantes peruanos nos níveis individual e social, precisamos recorrer a Hall (1996) para verificarmos como esses migrantes se inserem na cultura do local de destino e como suas identidades e respectivas diferenças relacionam-se com a nova realidade social. Nesta conjuntura, não podemos esquecer que as recordações do passado e as experiências do presente são importantes nas negociações identitárias dos migrantes peruanos.

No decorrer da análise dos depoimentos dos peruanos que participaram da pesquisa identificamos alguns conflitos entre eles. O relato do peruano comerciante informal que vive em Boa Vista desde 2002, Julio Cesar de 27 anos e natural de Cusco⁴, exemplifica esta situação:

⁴ Cidade situada no sudeste do Vale de Huatanay ou Vale Sagrado dos Incas, na região dos Andes.

Hay muchas diferencias entre los peruanos. Las personas de clase alta tienen una vida diferente. Possuem estudio y otro tipo de comportamiento. Los que pertenecen a una clase socioeconómica más baja encaran la vida de otra maneira. No són muy comprometidos. Aquí podemos citar como ejemplo las diferencias entre los médicos y los vendedores ambulantes. Los médicos peruanos tienen una buena situación económica. Todos tienen un trabajo fijo, carro y casa propia. Gran parte de los peruanos que son vendedores ambulantes sólo trabajan para beber. Muchos no saben beber. Cuando ficam bebados começam a brigar. Eso es muy ruim para todos los peruanos. Las personas acaban pensando que nosotros somos así. Es por eso que difícilmente tú verá un médico peruano hablando con un vendedor ambulante peruano. Estos dos grupos no se misturam. Por causa de algunos todos pagan. (Entrevista concedida em: 20/12/2012).

O depoimento de Julio Cesar nos proporciona a seguinte reflexão: a questão migratória, por abranger momentos distintos, é marcada por diferenças. As negociações identitárias de cada sujeito migrante explora a diversidade de momentos críticos pelos quais passam esses sujeitos. Nesta perspectiva, a memória surge como uma potência subjetiva e as lembranças se materializam em imagem e sonhos.

Desse modo, Halbwachs (2004, p.41) diz que “a memória do indivíduo depende da relação entre as comunidades de destino em que está inserido, tais como instituição familiar, local de trabalho, local de estudo, instituição religiosa, associações, etc”. Para este autor, todos os mecanismos sociais que compõem a vida do indivíduo, ajudam a compor a memória individual que, sem dúvida, poderá ser constituída socialmente.

Contudo, devemos reconhecer que adaptar-se e integrar-se a realidade do local de destino é também uma prática complexa. Goettert e Mondardo (2010, p.102) afirmam que “as migrações movimentam os valores e os sentidos, que se encontram e se desencontram, se “aproximam” e se “distanciam”, se juntam e se chocam, se inter cruzam e se sobrepõem”.

Em relação aos peruanos que fizeram parte desta investigação, verificamos que alguns se integraram facilmente a realidade brasileira, chegando a assumir a identidade de peruano e de brasileiro. Já outros criaram barreiras a integração com os novos elementos da cultura brasileira. Costumam utilizar a memória para manifestar os elementos que possibilitam a reprodução a cultura de origem, ocasionando, entre outras coisas, conflitos e valores.

A valorização do passado, sem dúvida, representa a afirmação identitária através da memória e da reprodução dos costumes de origem. Como exemplo, podemos citar a narrativa da professora peruana Florencia Alborata de 55 anos, natural de Trujillo, que está há 16 anos

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

em Boa Vista. Quando foi questionada sobre o que sente mais falta do Peru, a resposta dada foi permeada de tradicionalismo:

Yo siento falta de tudo, de los costumbres, la comida, la música, de mis amigos y especialmente a mi familia. No me acostumbré a la realidad de Brasil. Aquí las personas són liberais. Para mí es muy difícil criar a mis hijos aquí con los costumbres del Perú, pero no voy desistir. Quiero mis hijas casadas, como manda la tradición. (Entrevista concedida em: 24/10/2012).

Na fala da peruana de Trujillo, identificamos algo muito tradicional no Peru. Grande parte das mulheres peruanas só sai da casa dos pais quando se casam formalmente, seja no civil ou religioso. A forma de pensar dessa entrevistada só nos ajuda a compreender que a identidade negociada pelos migrantes no local de destino é carregada de valores referentes à cultura de origem.

Pollak (1992) expressa que a memória individual é uma herança cultural do grupo social do qual o indivíduo faz parte. Conforme este pensamento, a memória se compõe de acontecimentos, personagens e lugares de vida que permanecem como vestígios nas narrativas de cada pessoa entrevistada. Por ser uma construção tanto individual quanto coletiva se relaciona com o sentimento de identidade. Torna-se um fator importante na continuidade e na coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Nesta perspectiva, a memória trabalha a identidade de um grupo nos momentos de conflitos, por exemplo. Hall (2000) nos diz que a identidade representa a busca de algo que falta fora de nós mesmos. São, na verdade, pontos de apego temporário.

A partir desta exposição de ideias, podemos entender que o conjunto de narrativas elaboradas pelos migrantes peruanos contatados representa uma construção histórica com muitos percalços. A enfermeira peruana natural de Lima, Sofía Monogue de 28 anos, imaginava Boa Vista como a cidade de São Paulo:

Pensei que Boa Vista tivesse muitos prédios e indústrias como a cidade de São Paulo, que conhecia pela televisão. Minha mãe falava daqui com muito entusiasmo. Não imaginava que fosse um lugar próximo a floresta. Cheguei aqui muito nova, com 17 (dezessete) anos. Apesar de ainda não ter retornado ao Peru, sinto muita falta dos meus familiares que ficaram lá. Mas não quero sair daqui. Foi aqui que vivi os melhores momentos da minha vida. Conheci meu esposo, que é brasileiro, e tive minhas duas filhas, a maior, de 05 anos, já sabe que pertence a duas culturas: a brasileira e a peruana. Ela diz assim:

Mamãe é peruana e papai é brasileiro. Eu sou peruana e brasileira. (Entrevista concedida em: 25/12/2012).

O exemplo de Sofía reforça o entendimento de que o migrante precisa tentar se adaptar ao novo lugar. As informações e imagens criadas antes do processo migratório pode se modificar na medida em que novas relações sociais são experimentadas. Para o migrante ver e sentir o local de destino quando ainda está no local de origem não é o mesmo que conhecer a partir de suas experiências como morador deste outro local.

Contudo, existem, em diferentes situações, condições que o novo território pode proporcionar. O médico peruano Juan Vicente de 52 anos, natural de Ica, mesmo vivendo em Boa Vista há aproximadamente de 17 anos ainda busca reviver o seu passado no Peru:

No começo fue muy difícil conseguir me adaptar. Pasé por várias dificultades. La primera dificultad fue con el idioma. La segunda fue con los costumbres, que son diferentes de los costumbres del Peru. A tercera dificultad fue con la infraestructura de Boa Vista. Es completamente diferente de Lima, local donde me formé. Lima es una gran ciudad que tiene todos los tipos de novedades, principalmente en relación a tecnología. Yo extraño la estructura del hospital de aquí. No inicio faltavam herramientas para trabajar. Com el pasar del tiempo foi mejorando. Apesar de yo ter me naturalizado, ainda sufro mucho preconceito por mis colegas del profesión. Existe um xenofobismo muy grande. Los médicos brasileños no respetan los médicos extranjeros. Mesmo así, procuro me dedicar a mi trabajo. Me gusta mi profesión [...] Apesar de sentir mucha falta dos los costumbres peruanos, de la vida que tenía]lá, quiero vivir hasta el final de mi vida aquí. Aquí já constituí família. Criei lazos con Brasil. Mi esposa es brasileña [...] Mesmo se yo regresar tudo sería diferente. No encontrarei el Peru de la misma forma que dejé. (Entrevista concedida em: 21/11/2012).

É possível perceber que Juan tem fortes heranças culturais que marcam sua memória. Ele interpreta que viver em Boa Vista é viver, sobretudo, para o trabalho. Sente falta da vida social e cultural que tinha no Peru. Mesmo assim, prefere continuar vivendo em Boa Vista, pois se retornar ao Peru encontrará tudo de outro jeito. Não será a mesma coisa.

Processos migratórios como os dos peruanos representam uma escola de vida, um acúmulo de histórias, memórias, vivências identitárias e experiências culturais dotadas de significados. Os exemplos citados podem parecer muito simples, mas possibilitam distintas interpretações. Entre as interpretações que podemos realizar está a concepção de que os processos migratórios não são somente mudanças geográficas de espaços físicos. São

experiências culturais. É uma fonte de valores que não deixam a vida se acomodar, uma vez que na prática migratória o passado e o futuro ganham sentido na vida presente. Logo, ao somar experiências e expectativas, a migração torna-se um processo diário, de cada momento, de acordo com as negociações identitárias realizadas em cada contexto e temporalidades.

A IDENTIDADE COMO DIFERENÇA

Conforme argumento de Cunha (2007, p.34), “identidade é um termo que tem sido usado para descrever ou interpretar o indivíduo, tal como ele se revela e se conhece ou como ele se vê representado em sua própria consciência”. Já para Ribeiro (2002), a identidade deve ser reconhecida como modos de representar o pertencimento de um indivíduo a uma unidade sócio-político-cultural.

A língua pode ser considerada um grande exemplo de manifestação identitária dos sujeitos sociais. Tal afirmação consolida-se pelo fato de a língua apresentar dimensões sociais, locais, territoriais e subjetivas muito particulares, devendo ser respeitada em sua integridade. É por isso que, neste trabalho, optamos em transcrever na íntegra as narrativas dos entrevistados, mesmo daqueles que se comunicam através do portunhol⁵.

Woodward (2005, p.18) comenta que a identidade constrói-se a partir da interação social, marcando “o processo pelo qual os indivíduos se identificam com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades”. Hall (1996) complementa, esclarecendo que é através da identificação ou não que é possível tratar a identidade de forma relacional.

Contudo, a identificação pode surgir do contraste com o diferente ou pela oposição ao adversário. Em outras palavras, para Nóbrega (2000), a identificação surge da noção de contraste entre o que é semelhante e o que é diferente, isto é, pela ideia de alteridade em que se observa o “eu” e o “outro”. Ainda nesta perspectiva, Cabral (2003) expõe que o processo de identificação não diz respeito ao fato de reduzir a identidade à alteridade, haja vista que em toda a identidade quando é construída, o “eu” torna-se inevitavelmente independente.

⁵ Interlúngua originada a partir da mistura de palavras da língua portuguesa e da língua espanhola. É muito utilizada em cidades de fronteira entre países de língua portuguesa e espanhola. (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Portunhol/> Acesso em: 04/11/2012.

Desta forma, a identificação evidencia os processos de co-relacionamento, criando uma complexa rede de comparações que situa a pessoa como “diferente” socialmente. A esse respeito Silva (2005) argumenta que a diferença é um produto derivado da identidade e que por isso necessita ser ativamente produzida no mundo cultural e social.

Na mesma linha de raciocínio de Silva (2005), Martins (2002, p.56-57) utiliza a seguinte afirmação:

A identidade se elabora em um processo de diferenciação do outro mediante reforço sistemático dos elementos que lhe são incomuns [...] A preservação das tradições folclóricas em comunidades de imigrantes, sem que haja contraposição ou oposição à(s) cultura(s) predominante(s) na sociedade global em que se encontram os imigrados, é um bom exemplo deste tipo de identificação por contraste [...] A identificação por rejeição representa uma forte agudização dos processos conflituosos [...] Logo, a identidade por diferença é um componente comum às outras formas de construção identitária. No processo temporal da consciência histórica, a afirmação dos indivíduos e dos grupos se dá na sucessão e na contemporaneidade do pensamento de cultura produzidos pelos próprios homens mediante a constituição da diferença. A consciência da diferença necessariamente decorrente da contemplação do outro, pode derivar para a assimilação, para o contraste para a rejeição. No entanto, o fiel processo decisório é a consciência da diferença, ou das diferenças, se preferir.

Diante do exposto, podemos elaborar o seguinte questionamento: Até que ponto a afirmação de particularidades pelos migrantes peruanos colidem com os seus interesses nacionais? Muitos desses migrantes possuem narrativas diferenciadas sobre a instalação na cidade de Boa Vista. Os relatos referentes à nova vivência destacam questões referentes a moradia, emprego, barreira da língua ou regularização da documentação. Dessa maneira, os relatos sobre o contato com outros conterrâneos tornam-se fundamentais para o processo de adaptação a nova realidade causada pela migração. O exemplo a seguir do peruano Pedro Fernandes, 52 anos, natural de Ucayali⁶, restaurador de móveis, nos ajuda a observar esta situação:

Mi venida aquí surgió de una aventura. Tenía un gran deseo de conocer otros países. Como no tenía dinero para viajar a Europa, me decidí a conocer los países de América Latina. Para mí ir a Venezuela sería esencial. Es un lugar que facilita el desplazamiento a otras regiones. Pero para llegar até lá sería más viável pasar por Brasil. Pasé por muchas dificultades. Antes de llegar a Boa Vista, capital de Brasil más cerca de Venezuela, viví unos años en Ríó

⁶ É uma das 25 regiões do Peru, sua capital é a cidade de Pucallpa.

Branco (Acre). Lá aprendí a hacer tudo. Até fui a trabajar a los campos para garantir mi supervivencia. En el Perú nunca había hecho esto [...] No gostei de la comida brasileña. Comía solamente bolacha. No suporté la realidad de lá seguir adelante. Fue entonces cuando llegué a Boa Vista. Aquí tudo era diferente. Las personas son más hospitalarias. Me gustó mucho la tranquilidad daquí [...] Cambie mi estilo de vida. Me casé con una brasileña y aprendí a trabajar con la restaración de muebles. Hoy me considero un artista. No sé como aprendí a hacer isso. Creo que ha sido la necesidad [...] Apesar de todas estas transformaciones yo no dexei de ser peruano. Es por la nacionalidad peruana que me diferencio de los brasileños. Yo posso seguir las leyes de Brasil, comer la comida brasileña, hablas português, me vestir igual a los brasileños, pero siempre las personas irão me reconhecer como peruano. Mis características físicas no me deja negar quien realmente soy. Tengo muy orgullo de ser peruano. (Entrevista concedida em: 15/12/2012).

O relato de Pedro só reforça a concepção de que a presença do migrante, do ponto de vista social, dialoga com a diversidade e também com a diferença. Torna-se evidente que a identidade deste migrante apesar de ser distinta da identidade brasileira e de estar interpenetrada aos elementos culturais peruanos, ela se manifesta de acordo com as circunstâncias étnica, social, individual, política ou cultural. Esta interpretação pode ser reforçada por Ciampa (1997, p.157) que apresenta a seguinte observação:

O indivíduo, enquanto construção social, resultado dos valores e das relações intrínsecas da sociedade à qual pertence, é construído como sujeito que interage na dinâmica das relações de produção, formas de agir, ser, viver e pensar o mundo, construir, morar, brincar e produzir símbolos, lutar, resistir, enfim, um sujeito histórico.

Neste caso, a identidade é histórica. Contudo, reconhecemos que o processo de negociação das identidades é complexo e se estabelece de forma diferenciada de indivíduo para indivíduo nas próprias contradições históricas. Torna-se evidente que a identidade deste migrante apesar de ser distinta da identidade brasileira e de estar interpenetrada aos elementos culturais peruanos, ela se manifesta de acordo com as circunstancias étnica, social, individual, política ou cultural.

No que diz respeito aos peruanos, o sentimento de discriminação étnica e social também está presente no processo de negação das identidades. Muitos destacaram que embora os brasileiros sejam de um modo geral acolhedores, existem pessoas que tratam os estrangeiros com menosprezo ou preconceito.

Aqueles que chegaram há mais tempo, no início da década de 1990, destacam que tiveram mais dificuldades de integração na vida social de Boa Vista. Tiveram, na verdade, que modificar a sua cultura original. O peruano Luís Angel de 49 anos, comerciante informal, natural de Pucallpa⁷, fez a seguinte declaração a respeito desta situação:

Quando eu cheguei aqui, em 1990, era muito bom para ganhar dinheiro. Os garimpeiros comandavam a economia daqui. Porém, as pessoas demoraram a se acostumar com a nossa presença. Nos tratavam como invasores. No meu caso não entendiam que eu só queria vender as minhas coisas e ganhar o meu dinheiro. Para ser aceito por muitas pessoas tive que aprender a me comunicar com todos. No começo foi ruim tentar aprender uma nova língua. Tive também que mudar a forma como me vestia. A transformação mais radical foi aprender a me comunicar com as pessoas de pensamento liberal que não cumprem a tradição [...] Para viver em Boa Vista eu tive que me adaptar a realidade daqui. (Entrevista concedida em: 30/12/2012).

O exemplo destacado anteriormente nos possibilita reconhecer que os peruanos costumam demorar algum tempo para se acostumar à realidade boa-vistense. Para muitos as mudanças ocasionadas pelas práticas migratórias não liberta o trabalhador da opressão. Produz, na verdade, a passagem de uma dominação para outra. Foi o que mencionou o peruano comerciante informal Adrián Miguel de 47 anos, natural de Loureto⁸ e que reside em Boa Vista há precisamente 10 anos:

Mi vida no mudou mucho. Continuo siendo un simple trabajador que obedece a su superior para continuar sobreviviendo. En el Peru era la misma cosa. La diferencia es que hoy las cosas son más modernas y los territorios no son los mismos. (Entrevista concedida em: 20/12/2012).

Nesta perspectiva, Silva (2005) reconhece que a migração não liberta o migrante da dominação. É com a prática migratória que o problema das diferenças se intensifica. Boa Vista, por exemplo, por ser uma cidade que recebe pessoas de outras cidades brasileiras e de outros países tornou-se um espaço em que convivem outras pessoas de origens culturais, condições étnicas e sociais diferentes, crenças religiosas variadas, ideologias opostas que dão origem tanto a processos de aproximação identitária, como de discriminação e exclusão. É

⁷ Capital de Ucayali.

⁸ É uma cidade do Peru localizada no departamento do mesmo nome.

com esse ambiente que se defronta o migrante peruano que, acostumado a viver num mundo com uma cultura relativamente homogênea, encontra algumas dificuldades ao se inserir na cultura brasileira.

Desta forma, Martins (1997, p.28) afirma que a questão da identidade adquire um caráter político na medida em que a sociedade determina quem ela quer incluir ou excluir. Por isso, para qualquer migrante conquistar um espaço de reconhecimento em uma determinada sociedade continua sendo uma luta conflituosa entre a constituição da identidade e aceitação das diferenças. Ao migrarem para Boa Vista os peruanos começaram a tomar consciência de suas diferenças, tanto de classe como de etnia, e passaram a se deparar com um conflito de identidade. O discurso da estudante Priscila Heredia de 28 anos, natural de Iquitos⁹ e que vive na capital de Roraima há precisamente 01 ano expõe esta questão:

Hay muchas diferencias entre los peruanos. En cada región del Perú hay una manera de pensar. El peruano que vive en la selva es una persona más humilde. Se dá bien con todo el mundo. Es una persona sufrida. Lo peruano de la serra no es muy diferente do que vivi en la selva en relación con el comportamiento, pero algunas estrategias de supervivencia se modificam. Lo peruano de la serra es más esperto que de la selva. Es difícil engañarlo. Pero lo de la costa es un poco más moderno. Sigue un estilo de vida que no es muy tradicional. Cuando los peruanos destas regiones están en el mismo espacio dificilmente ellos se dão bien. Cada uno sigue su vida de acuerdo com los costumbres de su región. Por eso los peruanos que viven aquí en Boa Vista piensan de maneira diferente. En relación a los hombrens, por ejemplo, hay aquellos que prefieren casarse con una peruana. La brasileña es sólo una distracción. Aquellos que no les gusta de seguir la tradición prefiere constituir una familia con una brasileña. Hay aquellos que trabajan para gastar el dinero en bebida. Já otras personas piensan en el futuro y trabajar para adquirir bienes. (Entrevista concedida em: 20/12/2012).

Essa situação nos estimula a pensar a presença de peruanos na cidade de Boa Vista do ponto de vista relacional e político. Dessa maneira, a diferenciação do grupo originário da selva peruana em relação dos peruanos originários da capital Lima é resultado da necessidade de que cada grupo tem em manter simbolicamente as fronteiras de diferenciação em relação ao outro grupo.

⁹ Capital do departamento de Loreto e da província de Maynas.

Nesse contexto, mesmo existindo as diferenças, para Cabral (2003) as identidades constroem-se no próprio processo de sociabilidade. Nas palavras de Bourdieu (1996) não há como assegurar uma legitimação de forma estruturada. Isso significa que os indivíduos são agentes da produção cultural e os níveis de identidade pessoal estão sujeitos a dominação simbólica. Contudo, Cabral (2003) reforça que a diferença não existe de forma imediata. Há uma anterioridade de referências para que ela ocorra em um determinado momento. Logo, a identidade precisa ser concebida como algo associada a uma cultura, por exemplo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A relação dos migrantes peruanos com o Peru e a cidade de Boa Vista é cheia de ambiguidades. De uma forma bem esquemática, pode-se dizer que os migrantes peruanos estão inseridos em sociedade, mas que não fazem parte dela. Por outro lado, pertencem a uma sociedade na qual não estão efetivamente presentes e participantes.

Destas duas situações, resulta uma relação incompleta e ambígua dos migrantes peruanos com a sociedade e a cultura de origem, e a sociedade e a cultura em que estão inseridos. Provavelmente, esta ambiguidade gera certa crise de identidade cultural, uma vez que cada migrante começa a querer saber qual é o seu lugar e papel, o que dá e recebe na sociedade em que vive e na sociedade de origem. Essas preocupações começam a fazer parte do cotidiano migratório. Em decorrência disto, perante ambas as sociedades, os migrantes peruanos encontram-se numa situação provisória e insatisfatória, o que pode estabelecer condições propícias para um processo de crise de identidade cultural.

Ao se inserirem em um processo de mobilidade social ascendente, na cidade de Boa Vista, muitos peruanos enfrentam alguns problemas na sua relação com a sociedade de origem. Perante a ambiguidade implícita no relato acima, os migrantes peruanos têm que se adaptarem a alguns mecanismos que proporcionem a integração cultural. Para isso, muitos procuram recriar à sua volta alguns elementos do seu contexto sociocultural de origem, através do reagrupamento familiar e da aproximação com os conterrâneos. Em outros casos, existem aqueles que buscam manter relações muito estreitas com a sua comunidade de origem, fazendo que o afastamento físico não corte os laços que o ligam à sociedade e à cultura de origem.

Entretanto, as diversas estratégias de sobrevivência ajudam a criar condições mais favoráveis para prolongar a permanência de cada migrante na cidade de Boa Vista. Além destas situações, no caso do reagrupamento familiar acontece outro fenômeno importante: os filhos dos migrantes, sobretudo, as crianças e os jovens, que conseguem se inserir no sistema escolar brasileiro, criam grupos com outras crianças e jovens da sociedade boa-vistense.

Esta explicação está relacionada ao fato de o projeto migratório se construir dentro de uma determinada sociedade e cultura, tornando-se viável devido os migrantes peruanos assegurarem a viabilidade de seus projetos de mobilidade social de acordo com os padrões culturais das regiões de que são originários. Por outro lado, não podemos esquecer que em todo processo de mudança sociocultural, o migrante, independente da nacionalidade, passa por um permanente desgaste de confronto ou coerência entre comportamentos e valores adquiridos no país de nascimento.

Estas questões expostas reforçam o entendimento de que a cultura aparece como um espaço simbólico em constante transformação e movimento, onde se colocam em evidencia os sentidos da diferença, da diversidade, das similaridades, das desigualdades. Desse modo, Gonzales (1980) evidencia que é por meio da cultura que se originam e se formam as identidades.

Aguirre (1997, p.31) explica que a relação entre identidade e cultura sustenta-se no fato de que esta última dispõe aos indivíduos e aos grupos os sistemas referenciais construtores da primeira. Apesar desta relação, Barth (2000, p.80) destaca que “a identidade se relaciona somente com alguns elementos da cultura, de maneira que se sustenta em símbolos do povo que compartilha essa identidade, e não necessariamente com toda a sua cultura”.

Conforme essa explicação, a identidade existe por identificar-se com o sistema de valores e crenças determinados, que por não serem necessariamente compartilhados por todos os seus membros, tornam-se incertos em uma cultura. Essa explicação sugere ainda que a identidade pode ser definida como uma construção simbólica de identificação ou diferenciação produzida em relação a um marco de referência determinada, podendo se referir ao território, ao gênero, a idade, a classe, entre outros.

Dessa maneira, as formas sociais do passado são reproduzidas, apropriadas, transformadas nas práticas e nas interações da vida cotidiana dos indivíduos. Cuche (1999)

completa esta argumentação comentando que as estratégias de identidade, mesmo que modifiquem uma cultura, quase não terão nada em comum com o que ela era antes.

Hall (1996) reconhece que a identidade cultural de um indivíduo ou de um grupo se transforma ao longo do processo civilizatório. Esta afirmação nos estimula reconhecer que a sociedade em que o indivíduo vive, seja ela de origem ou de destino, o transforma e o fragmenta, fazendo com que assuma várias identidades.

A partir deste enfoque, Garrido (2004, p.35) chega a seguinte conclusão: “a identidade, por ser um processo socialmente construído, estimula o indivíduo a buscar referência de si mesmo em seu entorno”. Segundo Laurenti e Barros (2000), com esta interação, o indivíduo passa a buscar o reconhecimento de si mesmo no outros, aqueles que considera iguais a ele.

Garrido (2004) comenta também que além da interação e identificação do indivíduo com seu entorno, este busca o reconhecimento de si em um coletivo maior, em um grupo social que defina a si e ao seu grupo em função das experiências compartilhadas no passado.

Conforme Brown (1972), a construção da ideia de nação é um exemplo do reconhecimento que um indivíduo possui com um grupo maior. Para este autor, a nação é uma ideia que articula um “nós coletivo”, e este constitui uma relação de identidade por se tornar regra de semelhança, e também um critério para demarcar a diferença com os “outros”. Já para Smith (1999, p.28) “a ideia de nação pode ser definida como uma determinada população humana, que partilha um território histórico, mitos, memórias comuns, uma cultura pública de massas, uma economia comum e direitos e deveres comuns a todos os membros”. O autor completa que a ideia de nação como identidade coletiva tem muita relevância no processo de objetivação e na distinção da vida social: trata-se da distinção entre o “eu” e o “outro” em seu sentido mais amplo.

Segundo Pascual (1995) o sentimento de pertença a uma nação é nato, não há possibilidade de opção. Contudo, a identidade nacional é um poderoso meio para definir e posicionar pessoas individualmente no mundo, através da memória, da personalidade coletiva e de sua cultura distinta.

De qualquer forma, no mundo contemporâneo as identidades cultural e nacional estão se tornando desintegradas, o que torna difícil para o indivíduo compreender a característica de espaço-tempo que acelera os processos globais. Neste enfoque, Hall (1996) que os fluxos

culturais entre as nações criam possibilidades de identidade partilhadas, formadas dentro e fora da noção de origem. É a partir de então que as identidades étnicas surgem no momento em que a descendência é questionada, não como nação de origem, mas como parte da cultura específica dentro de uma nação.

Quando falamos em identidade étnica, estamos considerando uma necessidade de distinção, muitas vezes reforçada a partir da experiência da migração. Trata-se de um processo no qual são acionadas formas de reconhecimento a partir de elementos culturais compartilhados por certos coletivos que, entre muitas formas de identificação, se reúnem a partir de um imaginário construído em torno de seu país de nascimento ou de um grupo cultural. Barth (2000) entende que, muitas vezes, a própria concepção de etnia é construída a partir de uma ideia de nação, quando o grupo étnico é definido pelo país de nascimento. Considera, entretanto, o processo de autoidentificação do grupo étnico de pertença, mais do que os atributos que externamente possam ser referidos aos sujeitos.

Todos esses apontamentos nos proporcionam a seguinte reflexão: se alguém decide ir viver num outro país e numa outra sociedade, deve ter todo o direito de manter a sua cultura, mas também deve estar pronto a aceitar minimamente as regras da maioria, especialmente no aspecto jurídico e na convivência cotidiana. Do contrário, serão formadas sociedades onde todos, formalmente, serão cidadãos sujeitos as mesmas regras, mas onde, na prática, cada grupo vive como quer, com os inevitáveis conflitos que poderão surgir.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, A. **Cultura y identidad cultural**: Introducción a la Antropología. Barcelona: Bardenas, 1997.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: Edufal;Unesp, 2010.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: Reflexões sobre a origem. Portugal: Edições 70, 2005.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, Tomke (Org.). **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BESSIS, S. Mille et une bouches : cuisines et identités culturelles. Autrement, 1995. (Mutations/Mangeurs). In: CANESQUI, A.M.; GARCIA, R.W.D. (org.) **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, p.50, 2005.

BORNHEIM, Gerd. Da superação à necessidade: O desejo em Hegel e Marx. In: NOVAES, Adanto (Org.). **O desejo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos** . 14.ed. Sao Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 1996.

BRIGNOL, Liliane Dutra. **Migrações transnacionais e usos sociais da internet: Identidades e cidadania na diáspora latino-americana**. (Tese de doutorado). São Leopoldo: Unisinos, 2010.

BROWN, R. **Psicologia Social**. Mexico: Siglo XXI Editores, 1972.

BRUMES, Karla R. **Movimentos migratórios em cidades médias: o caso de Uberlândia – MG (1970 – 2000)**. (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Ciência e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2003.

CABRAL, J. P. **Identidades inseridas: algumas divagações sobre identidade, emoção e ética**. Working Papers. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, jun. 2003.

CANCLINI, Néstor García. Narrar o multiculturalismo. In: _____. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

CARLEIAL, Adelita Neto. Redes sociais entre imigrantes. In: **Anais do Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Caxambu, MG: ABEP: 2004.

CIAMPA, A. **A identidade Social e suas relações com a ideologia**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC/SP, 1997.

CUCHE, D. **A noção da cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcante da. **Migração e identidade: olhares sobre o tema**. São Paulo: Centauro, 2007.

DUBAR, C. La Socialisation: **Construcion de identities sociales et professionnelles**. 30. ed. Paris: Armand colin, 2000.

GARRIDO, L. M. **La construcción de la identidad nacional desde el discurso de genero en la historiografía conservadora chilena.** Universidad de Chile, 2004.

GAUDEMAR, Jean Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação de capital.** Lisboa: Estampa Editorial, 1977.

GOETTERT, Jones D.; MONDARDO, Marcos L. O “Brasil migrante”: Gentes, lugares e transterritorialidades. In: **Geographia, América do Norte**, 11, out. 2010.

GONZALES, Élbio Neres. **A migração de trabalhadores no Brasil.** (Tese de Doutorado). São Paulo: USP, 1980.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e Identidade:** a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.

HALBWARCHS, M. **Memória coletiva.** São Paulo: Editora Vértice e Revista Tribunais, 2004.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora.** In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Nº 24, 1996.

_____. **A identidade cultural na Pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

IANNI, Octavio. A era do globalismo. In: OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins. **Globalização, regionalização e nacionalismo.** São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

MAMMAN, A.; RICHARDS, D. Perceptions and possibilities of intercultural adjustment: Some neglected characteristics of expatriates. **Internacional Business Review**, Great Britan: Elsevier Science, n.3, v.5, 1996.

MARTELETO, Regina M. Análise de Redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. **Relações Internacionais:** Cultura e Poder. Brasília: Funag/Ibri, 2002.

_____. **Fronteira:** A degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MASSEY, D. et al. **Return to Aztlan.** Los Angeles: University of California Press, 1987.

NÓBREGA, L. A. Considerações sobre identidade: do singular ao plural. In: **Revista Universidade Rural - Série Ciências Humanas.** Rio de Janeiro, n.2, v.22, jul/dez.2000.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

PEIXOTO, J. As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas. **Socius Working Papers n.11**. Centro de Investigação em Sociologia Econômica das Organizações (SOCIUS), Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2004.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos – Revista da Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 202-215. São Paulo: Cpdoc/ FGV, 1992.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Tropicalismo e europeísmo: Modos de representar o Brasil e a Argentina. In: FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.). **Argentinos e Brasileiros: Encontros, imagens, esteriotipos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: UNICAMP, 2007.

SAYAD, Abdekmalék. **A imigração ou os paradigmas da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SMITH, A. D. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradativa Publicações, 1991.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e diferença. In: _____. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SOARES, Weber. **Análise das redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional**. Campinas: Revista Brasileira Estudos Populacionais, v. 21. n.1. pp.101-116, jan-jun de 2004.

STAVIE, Pedro Marcelo. **O papel das redes sociais na migração contemporânea de gaúchos em Roraima**. (Tese de doutorado). Belém: NAEA/UFPA, 2012.

TILLY, C. Transplanted networks. In: YANS, M . V. **Immigration reconsidered: history, sociology and politics**. Nova York: Oxford University Press, 1990.

WOORWARD, Kathrun. **Identidade e diferença: Uma introdução conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL